

CASAMENTO E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE MARINA COLASANTI¹

Morgana de Medeiros Farias (UFPB)²

Valnikson Viana de Oliveira (UFPB)³

Resumo: esta pesquisa propõe uma leitura da produção literária da escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti, com base em discussões de gênero, voltando-se, especificamente, para a representação do feminino nos contos “O rosto atrás do rosto” e “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, presentes na obra homônima *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (2006), com vistas ao elemento temático do casamento. Para fundamentar nossa pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo-interpretativo, valemo-nos de teóricos como Moreira (2003), e Zilberman (2005). Observamos que a autora questiona sutilmente o lugar destinado ao ser feminino nos textos literários destinados aos pequenos leitores.

Palavras-chave: Casamento; Contos de Fadas; Marina Colasanti.

Considerações iniciais

Realizando-se uma breve retrospectiva das narrativas tradicionais que foram e permanecem sendo importantes aos leitores em formação, notaremos que grande parte das obras delega às personagens mulheres um espaço determinado pelo estereótipo: ora o de uma donzela que espera pelo seu amado, ora o de uma dona de casa cuja vida se resume a cuidar do bem-estar da família e da ordem do lar. Em meio a essa prescrição, em que homens e mulheres ocupam na sociedade papéis distintos e, de certa forma, impermeáveis, meninos e meninas cresceram e ainda crescem concebendo o mundo sob uma visão afastada da razoabilidade que deve orientar a relação entre os gêneros.

Na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea, opondo-se à predominância do perfil sexista, diversos autores e autoras passaram a buscar uma representação de resistência às figuras femininas ante os comportamentos romantizados, dotados de passividade e submissão em esferas de atuação severamente limitadas. Nessa perspectiva, a presente pesquisa propõe a leitura de um exemplar da obra literária de Marina Colasanti, intitulado *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (2006), com base

¹ Trabalho proveniente de um recorte da dissertação intitulada *Mulher, casamento e autoria feminina: enfoques na literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti* (2017), apresentada pela autora deste artigo como um dos requisitos para a obtenção do título de mestra em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora Dra. Liane Schneider.

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa (UFCG), mestra em Letras (UFPB), doutoranda em Letras (UFPB). E-mail: morganap14@hotmail.com

³ Graduado em Letras – Língua Portuguesa (UFPB), mestre em Letras (UFPB), doutorando em Letras (UFPB). E-mail: valnikson18@hotmail.com.

em discussões de gênero, voltando-se para os contos “O rosto atrás do rosto” e “Doze reis e a moça no labirinto do vento”.

Temos como elemento temático principal o casamento, ilustrador de questões polêmicas importantes na formação cognitiva e emocional de crianças e jovens e que, por isso, deve ser discutido no âmbito da arte literária se considerarmos o seu caráter formador e emancipatório, sob a crescente necessidade de discussão acerca de tópicos rechaçados por diversos setores sociais.

A própria produção literária de autoria feminina foi, ao longo do tempo, preterida devido à frequente consagração de obras escritas por homens, reforçando uma cultura de cunho patriarcal, o que já justificaria o intento de elaborar um trabalho que se agrupe aos movimentos emancipatórios e de reconhecimento da produção de mulheres no contexto nacional, ligadas aos estudos sobre o feminismo. Além disso, entendemos que as narrativas selecionadas evidenciam os arrolamentos e os embates que se estabelecem no campo dos estudos culturais assinalados por um sistema que dá vez ao masculino e ao que provém dele.

Estudaremos, então, como se dá a formação e a consolidação da instituição do matrimônio, com vistas ao papel desempenhado pelas mulheres, no que concerne aos atributos e obrigações que historicamente foram destinados a elas, evidenciando as diferenças entre os contos populares tradicionais e os contos de fada contemporâneos, evocando o papel simbólico dos elementos maravilhosos inseridos em tais narrativas.

Para fundamentar a nossa pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo-interpretativo, valemo-nos de teóricos sobre gênero e atuação feminina na literatura, tais como Oliveira (2013), Montero (2004) e Moreira (2003), bem como da teoria acerca da literatura infantil e juvenil, representada por Besnosik (2009) e Zilberman (2005), dentre outros. Como resultado parcial, observamos que Colasanti rompe com ideais de gênero excludentes e questiona sutilmente o lugar naturalizado que sempre foi destinado ao ser feminino nos textos literários destinados aos pequenos leitores.

Optamos por realizar um trabalho que relacione a literatura infantil, juvenil e o gênero devido à crença de que há a necessidade de levar às crianças e aos jovens outras realidades que não sejam aquelas moldadas pelo sistema patriarcal. Por mais que qualquer escritor se diga isento de ideologias, sejam elas de que natureza for, algo da sua subjetividade, ou mesmo de alguma crença que nutra, vai escapar pelas entrelinhas

do texto. As crianças estão em contato direto com as histórias infantis e é importante que elas conheçam as diversas realidades. A literatura infantil e juvenil serve, nesse caso específico, para proporcionar um relevante diálogo com crianças e jovens no que diz respeito ao gênero, visando formar cidadãos mais respeitosos com as diferenças.

Estudos de gênero e autoria feminina

Em tempos remotos, mulheres escritoras utilizavam pseudônimos para atribuírem autoria às suas produções, pois não era aceitável que elas escrevessem. À mulher era reservado apenas o espaço do lar, do privado, onde ela poderia viver em clausura, de modo que não representasse nenhum risco à cultura patriarcal vigente. Os olhares eram voltados às obras literárias escritas por autores do sexo masculino, estas que ocupavam o lugar do que teoricamente haveria de maior e melhor na literatura universal.

A produção cultural feminina tem a sua invisibilidade constatada quando percebemos, estatisticamente falando, a quantidade de autores consagrados pelo cânone em detrimento do número de autoras, isso porque a mulher está, de fato, inserida em um grupo minoritário, que vem buscando a sua ascensão com o passar dos anos. Atualmente ainda podemos ver que há muito mais autores do que autoras no rol de obras literárias, o que representa um peso histórico considerável.

Os estudos feministas, nesse sentido, buscam legitimar a história de mulheres através da garantia de espaços na historiografia literária. Socialmente falando, os espaços masculinos e femininos são (ou sempre tenderam a ser) bem claros. De acordo com Almeida (2013, p. 75), “É nessa conjuntura de uma travessia em direção a um questionamento do espaço, do lugar, do local e do global que se pode analisar como esses novos espaços comunais da contemporaneidade aparecem discutidos em narrativas produzidas por mulheres”.

Escrita de autoria feminina e crítica feminista são coisas distintas, embora caminhem paralelamente. Corroborando com essa afirmativa, Moreira (2003) afirma que “A crítica feminista continua perseguindo seu objetivo: identificar aquilo que, de fato e de direito, caracteriza a escrita feminina e, por outro lado, construir uma ideia básica, estrutural para a análise da literatura elaborada por mulheres” (p. 42).

Os estudos culturais e de gênero vêm fazendo da literatura um campo fértil de discussões e difusão de si próprios, como forma de trazer à tona questionamentos que podem originar pensamentos mais críticos e pautados no respeito à diferença. É essa militância que as mulheres assumiram, visto que são as mais interessadas em consolidar sua liberdade de expressão e de escolhas, sejam elas de que natureza forem.

Através da obra de Colasanti, sobretudo do livro de contos *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (2006), percebemos que a autora é detentora de um modo de escrever peculiar, de modo que não só não incentiva o preconceito entre homens e mulheres, como as coloca em situações de tomada de decisão, quando podem escolher o que desejam fazer de suas vidas. Essa abordagem do ser feminino gera alteridade e rompe com modelos de personagens voltados à cultura patriarcal.

Podemos afirmar que Colasanti assume uma postura feminista ao afirmar que a situação das mulheres na sociedade a interessa muito. A autora também reconhece as limitações impostas ao sexo feminino socialmente e tenta entender como isso se dá, onde se localiza e como se reflete nas produções literárias das mulheres. (OLIVEIRA, 2013, p. 63).

Acreditamos que tais histórias podem estimular jovens leitores a construir compreensões diferenciadas sobre as relações sociais entre homens e mulheres, colaborando com a educação mais consciente no que diz respeito à construção do gênero por parte de meninos e meninas. Nos contos escolhidos há abordagens que questionam costumes já enraizados. Trata-se de uma conduta diferenciada das quais somos acostumados a ver.

Consideramos a literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti como sendo detentora de abordagens que colocam a mulher em evidência e conferem a ela a importância que lhe é devida, tendo, assim, papel de modificadora da sociedade e das crenças vigentes embasadas por ideologias patriarcais. “Escrita e linguagem, portanto, representam poderes e ideologias, e servem para consolidar e garantir determinada supremacia social” (JACOMEL, *et al*, 2007, p. 82).

Embora seja, ainda, negada a muitas mulheres a presença no cânone nacional, percebemos que o motivo impulsionador não é e quase nunca foi a falta de condições artísticas para isso, pelo contrário, a qualidade de muitas obras de literatura feminina

salta aos olhos, a problemática sempre foi ter de provar isso e driblar a crítica de que a literatura de autoria feminina é autobiográfica.

Na literatura infantil e juvenil, os contos de fadas de Colasanti vão na contramão dos tradicionais e um dos motivos de ganharem ênfase são os elementos que remetem o/a leitor/a, por vezes, à Idade Média, equilibrando com delicadeza os gêneros lírico e narrativo, discutindo sobre assuntos contemporâneos e sobre as relações humanas. A linguagem utilizada pela autora proporciona encantamento aos seus leitores, talvez devido a isso suas obras tenham cativado cada vez mais a atenção do público e da crítica.

Essas narrativas transcorrem numa época que sugere a Idade Média, uma vez que se ambientam em aldeias, campos ou castelos, tendo pastores, camponeses, cavaleiros, reis ou princesas por personagens. Em desacordo com os padrões típicos dos contos de fadas, os de Marina Colasanti não estão comprometidos com um “final feliz”, muitos deles apresentando desfechos trágicos ou finais em aberto, o que constitui uma atualização dessa modalidade de narrativa. (MORAES, 2011, p. 337).

A fortuna literária colasantiana é extensa e conta com muitos gêneros que adentram ao universo das vivências femininas, bem como ao lado sensível que há na nossa existência. A busca por uma escrita feminina com identidade própria tem se tornado cada vez mais frequente e vem adquirindo força perante os setores acadêmicos. No entanto, assim como as conquistas conseguidas pelo movimento feminista ao longo da história, esse processo é lento e permeado por contradições.

Quebra de estereótipos na literatura infantil e juvenil colasantiana

Não é novidade afirmarmos que os contos de fadas tradicionais preconizam valores de submissão quando falamos do sexo feminino. As mulheres com as quais temos contato, na maioria das vezes, não têm autonomia, pelo contrário, passam toda a narrativa construindo uma história que deságua sempre em um casamento, este que é o maior símbolo de um final feliz.

A maioria das mulheres da literatura infantil com as quais temos contato são princesas brancas, loiras, indefesas e trancadas em castelos, esperando serem resgatadas

por um príncipe, aquele por quem se apaixonaria e se casaria para, assim, viverem felizes para sempre. Não queremos dizer que esses contos são nocivos, porque também discutem e reafirmam valores como a bondade, a humildade, a retidão, a tolerância, dentre outros.

Se o conteúdo dos contos clássicos é reflexo de uma forma social ultrapassada, e se seu aproveitamento em outra sociedade, depois de neutralizada a forma de rebeldia que os impregnava, serviu a um interesse repressor, a sobrevivência desse gênero narrativo, em nossos dias, depende de modificações que o compatibilizem com o caráter emancipatório da literatura. (ZILBERMANN; MAGALHÃES, 1987, p. 141).

Considerando este caráter emancipatório da literatura, podemos citar obras infantis e juvenis que já estão em consonância com os padrões sociais atuais – como a que nos propusemos analisar – que convidam os leitores a pensar e a questionar as imposições às quais estão submetidos. Contemporaneamente, pudemos perceber que nem sempre o casamento, o encontro amoroso, a busca pela beleza física é determinante para que desfrutemos da felicidade.

Para exemplificar o que viemos discutindo, achamos por bem analisar os dois contos já mencionados de Marina Colasanti e começaremos, portanto, pelo que tem como título “O rosto atrás do rosto”. Dentre outras coisas, o conto aborda o tema da crise de identidade na pós-modernidade, esta que está ligada a um dos personagens principais, o Guerreiro das Tendas de Feltro, que tinha o rosto coberto por uma máscara de aço e, portanto, não permitia que ninguém visse sua fisionomia. Ele, depois de andar pelo mundo e travar inúmeras batalhas, decide fazer de um reino que encontra pelo caminho o seu paradeiro.

Sentindo necessidade de uma companheira, o Guerreiro mandou que os seus serviçais avisassem por toda parte que ele estava à procura de uma esposa. Muitas foram as princesas que se apresentaram a ele em seu castelo, no entanto, ao perceberem que se tratava de um pretendente de máscara no rosto, todas elas voltaram aos seus países de origem e deixaram para trás a proposta de casamento, apenas uma princesa, que chegou montada em um urso pardo, não numa carruagem, aceitou seu pedido, embora ele a tivesse alertado de que nunca poderia ver seu rosto.

Para Santos (2008, p. 23), “O urso aqui aparece apenas de forma tangencial, mas não podemos deixar de notar que ele surge como aquele que introduz a heroína no conto e, mais especificamente, no novo lar de que ela fará parte, ao lado do Guerreiro”. O homem quem sente necessidade de se casar, de ter uma companheira; mulher possui traços fortes se observarmos as condições em que ela chega ao reino, montada em um animal que é símbolo de força, coragem e grandeza.

Após aceitarem um ao outro em matrimônio, depois de muita festa, a Rainha, cada vez mais, definhava, se mostrava triste por não saber de fato quem era aquele homem que estava ao seu lado, com quem se deitava todas as noites e dividia os seus dias. Não conseguindo mais lidar com a situação, ela pede que ele tire a máscara, mas, para sua surpresa, embaixo da máscara de aço havia uma de bronze.

Tendo atendido ao pedido da esposa, o Guerreiro pede, então, que ela nunca mais peça-lhe nada semelhante, embora, não se contentando em não ver o rosto do marido, a Rainha tire-lhe a máscara, após um ano, enquanto ele dorme, percebendo que ali não há um rosto, mas duas fendas escuras entalhadas no vermelho da máscara de laca.

Sempre disposto a satisfazer os desejos da esposa, mesmo que estes tocassem diretamente nos seus medos e inseguranças, o Guerreiro se anula pela sua amada. Temos um exemplo de marido preocupado com o bem-estar da sua companheira, que não mede esforços para ver sua felicidade. Vemos que há amor por parte dele, não se trata de um casamento meramente contratual.

Esta última tentativa de descobrir o rosto por trás da máscara leva ao desfecho do conto, já que a moça, ao retirar a máscara, assusta-se com o que vê e derruba a vela que segurava. O incêndio provocado consome o castelo e, parece, também o Guerreiro, enquanto a heroína foge aterrorizada. (SANTOS, 2008, p. 23).

A Rainha paga pela sua atitude com a solidão, pois foge não sabemos para que lugar, sem rumo, desesperada e deixa no castelo, em situação de emergência, aquele que acreditávamos que ela amasse. O enlace matrimonial se desfaz de forma trágica e o fim da narrativa fica em aberto, já que não sabemos como se deu de fato o desfecho da mesma, não podemos afirmar com veemência o que aconteceu com o casal. Por exemplo, o Guerreiro tanto pode ter morrido quanto escapado do incêndio.

Percebemos que a Rainha queria mesmo entrar em contato com a essência do Guerreiro, bem como fazê-lo se encontrar consigo mesmo. Daí, inclusive, a relevância do papel desempenhado por ela no conto. Colasanti aborda bem essa questão da identidade, da necessidade de conhecimento do eu, dos obstáculos encontrados até que se dê esse encontro. Vale ressaltar que, mesmo não saindo como se poderia esperar/imaginar, todo esse percurso se dá devido à insistência e à constante busca feminina, tendo como meio o matrimônio.

O outro conto que também trata da temática do casamento tem como título “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, este que trata de uma mulher que opta por casar, mas, diferentemente dos contos de fadas tradicionais, quer que o fato se dê no momento escolhido por ela e não pelo pai, como é de praxe. A narrativa se dá dentro do labirinto de fícus que, segundo o pai da moça, está ali para abrandar o vento e proteger as flores. No referido labirinto há doze reis dos quais restará apenas um para desposar a princesa.

Os reis eram estátuas e estavam lá sob o único propósito de esperar que a filha do outro rei quisesse casar e, então, cada um iniciaria uma batalha individual visando atingir o objetivo de conquistá-la. São doze reis e cada tentativa, ou seja, cada um deles equivale a um mês do ano. Portanto, foram doze meses de muitas lutas e experiências até que a moça escolhesse aquele com quem iria finalmente se casar.

Doze reis passam por provas impostas por ela. Onze deles fracassam e se perdem nos caminhos do labirinto da mulher. Aqui, homem e mulher não se encontram facilmente. É preciso alguns “sacrifícios” para que obtenham o que desejam. Finalmente, surge o rei que desvenda o labirinto da moça, sem segui-la, sem procurar seu caminho. Fazendo uso da força de sua masculinidade, ele abre espaço nesse labirinto com sua espada e encontra a moça, que, por fim, se entrega num sorriso. (BESNOSIK, 2009, p. 4).

Todos os reis encontram dificuldade em percorrer o caminho estabelecido pela moça. O primeiro sente pesar os seus pés devido ao longo tempo em que foi estátua; o segundo teve o seu faro empedrado; o terceiro ficou prisioneiro do labirinto e assim se foram onze reis que não conseguiram transpor as muitas barreiras encontradas. O último rei não perseguiu as trilhas do labirinto, não foi de acordo com o que preconizou a moça. Se mostrando esperto, pensou de outra forma e foi em frente em busca da realização do seu objetivo maior.

Embora tenhamos uma princesa que está para ser resgatada, assim como nos contos de fadas tradicionais, vale ressaltar que ela mesma quis se colocar nessa situação, pondo à prova seus pretendentes, vendo até onde ia sua vontade e resignação em desposá-la. Para Besnosik (2009, p. 4), “O feminino é protagonista, constrói seu próprio caminho, inscreve-se como potência criadora afirmativa, não é mais o masculino que a determina”. Temos uma moça determinada, dona de si, que escolhe com quem vai se casar e a quem vai se entregar. Ela é a protagonista da história, tudo gira em torno dela mesma e das suas vontades

A autora possui uma escrita que vai além de uma literatura de fruição, ela também é política. Se considerarmos, inclusive, que o maravilhoso possui uma função social, veremos que os contos de sua autoria verdadeiramente assumem características contemporâneas, de um mundo que está em constante mudança. Para Santos (2014, p. 6) “Colasanti se insere nesta linha de mulheres que se valem da literatura para contestar a ordem desigual para tomar o verbo do domínio masculino e utilizá-lo como instrumento de libertação feminina através da releitura de representações tradicionais que são assim reinventadas”.

Se no contexto dos contos de fadas tradicionais a mulher realmente dependia do homem para quase tudo e casar era considerado o ápice da realização na vida de cada uma delas, hoje isso não se aplica mais com tanta veemência à vivência de ambos os sexos, visto que as normas impostas pela sociedade vêm sendo cada vez mais relativizadas. Para concluir, hoje as pessoas, em sua maioria, se casam por amor e não por interesse familiar ou pela escolha dos pais dos noivos, o que já é uma quebra e tanto de paradigmas.

Ainda que não possamos afirmar que a moça ama o rei que a encontra no Labirinto de Fícus, percebemos que a sua reação ao vê-lo, ao ter sido encontrada por ele, lhe proporciona boas sensações, o que podemos constatar pelo sorriso com o qual ela o presenteia assim que se dá o encontro de ambos. “Uiva o vento escapando pelos rasgos, fugindo a cada golpe. Sob a lâmina, trezentas e sessenta e cinco quinas se desfazem. Até que não há mais labirinto, só folhas espalhadas. E a moça. Que livre, no gramado, lhe sorri”. (COLASANTI, 2006, p. 86).

A moça é um prêmio a ser conquistado por aquele que se mostrasse mais forte e disposto a enfrentar as adversidades, o que prova que ela não queria qualquer marido,

mas um que atendesse às suas aspirações femininas, como a perseverança e a certeza de querê-la verdadeiramente como esposa. A narrativa mostra a mulher como aquela que dita as regras, como a que tem suas vontades atendidas e porque não dizer o seu ego massageado.

A autora toca em temas contemporâneos como a solidão, o medo, o amor ligados à busca feminina pela plenitude de sentimentos. Colasanti desmonta valores veiculados pelos contos de fadas tradicionais sem desacreditá-los ou sem querer deixá-los à margem da literatura infantil e juvenil. Ela escreve levando em consideração os embates ideológicos suscitados pelas discussões de gênero, fazendo, assim, com que as mulheres e os temas relacionados às suas vivências ganhem evidência e sejam minimamente respeitados.

Considerações finais

Nosso trabalho, dentre outras coisas, discute a perspectiva feminina presente em duas narrativas curtas de Marina Colasanti. Através delas entendemos que as personagens criadas pela autora assumem uma perspectiva de vida própria, um olhar firme dos acontecimentos que lhes acometem, ou seja, são donas do próprio destino. Os contos evidenciam relações de gênero que não devem ser desconsideradas, pois mostram a capacidade feminina de discernir, de lutar, de agir conforme aquilo que acreditam.

Embora não tenhamos visto mulheres plenas com suas escolhas amorosas, constatamos que todas elas têm vontade própria, não são passivas e escolhem de que forma devem conduzir suas vidas. Vimos que o casamento, para a mulher, não deve ser visto apenas como lugar comum de procriação e cuidados com o marido e o lar. Em nenhum dos contos presenciamos passagens que denotem isso, pelo contrário, nenhuma das mulheres tem filhos ou aparecem cuidando da casa.

Assim sendo, vemos que o caminho contrário ao lar, em direção ao mundo externo, é um mecanismo de resistência feminista muito bem representado nas narrativas de Colasanti. As mulheres a quem ela “dá vida” são capazes de traçar o próprio destino, este que antes era limitado e mais parecia uma cartilha que deveria ser seguida igualmente por todas elas, desconsiderando, para isso, suas subjetividades.

Com o leque de opções por parte destas sendo expandido, a própria vivência e imaginação se ampliaram, já não havendo ponto de chegada ou de partida fixos. Isso transformou o entendimento acerca da identidade feminina que antes era ligada apenas ao âmbito privado do lar. À mulher foi dado o direito de frequentar espaços públicos e, por conseguinte, se fazer perceber por atitudes intrínsecas, suas.

Ao nos aventurar pelo universo literário infantil e juvenil construído por Marina Colasanti, nos deparamos com formas mais realistas de escrever e de encantar os leitores dessa fase da vida, proporcionando aos mesmos um encontro com contos detentores de outros finais felizes, diferentes dos tradicionais, bem como com formas diversificadas de enxergar os arranjos matrimoniais e os fatos provenientes deles, considerando as subjetividades que permeiam um casal, culminando em uma provocação à criticidade deste leitor, que adentra a outros cenários e outras formas de fazer literatura. Nesse sentido, consideramos relevante empreender análises dessa natureza, com vistas ao trabalho com a igualdade de gênero na fase vital mencionada.

Referências

ALMEIDA, Sandra. R. G. *Cartografias de gênero: escrita e espaço na literatura contemporânea*. In: SCHNEIDER, Liane; ALMEIDA, Márcia; HARRIS, Leila; LIMA, Ana Cecília. (Org.). *Mulheres e literaturas: cartografias crítico-teóricas*. 1ed. Alagoas: EDUFAL, 2013, v. 1, p. 65-87.

BESNOSIK, R. L. *O amor e a feminilidade nos contos de Marina Colasanti*. In: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, Porto Alegre: PUC-RS, 2009, p. 1-8.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. 12ª edição, São Paulo: Global, 2006.

JACOMEL, Mirele; Carolina Werneque; PAGOTO, C.; MOLINARI, S. M.; ZOLIN, L. *O. Violência simbólica e estrutura de dominação em A moça tecelã, de Marina Colasanti*. Graphos (João Pessoa), v. 9, p. 81-93, 2007

MORAES, Vera Lucia Albuquerque. Longe como o meu querer: o imaginário feminino em contos de fada de Marina Colasanti. In: *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Vol. 20, N. 31. Brasília: UNB, 2011. p. 337-344.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2003.

OLIVEIRA, Tássia Tavares. *A poesia itinerante de Marina Colasanti: questões de gênero e literatura*. 2013. Dissertação: Mestrado em Letras - Universidade Federal da Paraíba. Orientadora: Liane Schneider.

SANTOS, R. J. *As representações sobre as mulheres na escrita de Marina Colasanti*. In: IV Congresso Internacional de História, 2014, Jataí GO. IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder, 2014, p. 1-16.

SANTOS, S. D. *Sentidos do vazio: um estudo sobre as narrativas fantásticas e o fantasiar de adultos hospitalizados*. 2008. Dissertação: Mestrado em Psicologia - Universidade Estadual Paulista. Orientadora: Olga Ceciliato Mattioli.

ZILBERMANN, Regina. MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1987.